

João Clímaco Bezerra

Se o preto velho Manuel Marques ou a negra velha Aninha Ponciano ressurgissem das suas catacumbas humílimas e de repente atravessassem esta sala, de certo, que me pediriam contas da parcela maior da homenagem com que me distinguis, convidando-me para a vossa ilustre e honrosa companhia. Porque na minha apagada vida literária nada mais tenho feito do que pálidas tentativas para estilizar as histórias que os dois me contavam, naquele embalo que só os pretos velhos possuem para ninar os meninos brancos, que a inocência ainda não distanciou pela separação irreconstruível dos preconceitos ou da vaidade. O negro crescera nos campos do “Burraco d’Água”, herdado dos resíduos da escravatura extinta e incorporado ao patrimônio familiar como árvores, rios, tradições e aquela fidelidade à terra que constituía o traço mais vivo da fisionomia do homem sertanejo. Seus heróis não eram outros senão os meus próprios antepassados, a quem, meu avô paterno, já funcionário público e homem de cidade, reverenciava com o respeito e a admiração de um mundo morto. Mas o preto velho, quando a lua se espalhava por cima do terreiro e a casa branca mergulhava no silêncio universal da natureza circundante, fazia desfilar diante da minha imaginação de menino egresso do clã secular, as sagas coloridas dos moços brancos ou os líricos amores das sinhás donas românticas.

A paisagem avivava, através de uma chocante exposição, o esplendor da grandeza caída. Aqui era a bolandeira parada,

com os enormes troncos cobertos de pó e enegrecidos pelo tempo. Mais na frente, como vulto terrificante de catedral abandonada, a casa-de-farinha sugeria a faina alegre e ao mesmo tempo sombria dos negros que se perderam nas noites da liberdade. E sob o embalo de cantigas por eles cantadas, cujos versos não pereciam nunca na memória do negro velho, o mesmo da rua, sem passado e sem raízes, adormecia para sonhar com a restauração de um esplendor para sempre perdido.

Percorri com ele, na garupa de cavalos mansos e vagarosos, as terras que agora pertenciam aos meus tios-avós. E em cada sítio, em cada casa, em cada árvore, o preto velho parava para contar a sua história. Vi por exemplo, com a emoção de quem remergulha no cárcere original, a sala da casa-grande da Beliza, onde minha mãe casara. E o largo braço preto de Manuel Marques, aguçando a fantasia da minha inquietação infantil, contava-me a festa que durava três dias e três noites. Repetia os versos cantados pelos menestréis broncos, cujo refrão se grudou à memória de quem depois os transportaria para as páginas de um romance moderno:

*“Doze pares de cavalos
Cada um, seu cavaleiro”.*

Àquelas histórias, àquele mundo encantado do qual me despedia sempre com saudades, não faltava também a contribuição do lendário popular, tão inclinado a maldizer dos senhores da terra e dos escravos. Na casa-grande do “Buraco d'Água” existem, por exemplo, as marcas sinistras dos dedos de uma escrava suicida, impressos na parede de cal recente, nos momentos dos paroxismos do desespero e da agonia. E corria o sertão, com insistências de realidade, a lenda que um dos meus recuados antepassados levava à morte, pelos suplícios a ela infligidos, a pobre escrava de quem não se guardaram nome ou lembranças.

Quanta noite não acordei, tiritante de medo e de remorso, ouvindo o choro agoniado da preta queimada! E eu me benzia

e me escondia dentro de mim mesmo, querendo redimir com a tentativa covarde de fuga impossível, aquele antepassado longínquo já sepulto também no esquecimento e nas sombras.

Diferentes eram as histórias da preta velha Aninha Ponciano. Seu mundo fora o mundo da cidadezinha modesta. A igreja, onde os sinos bimbalhavam festivos nas novenas ou no repicar dos anjos, soturno e grave, quando dobrava finados pela alma dos pobres pecadores empedernidos.

Dos seus amores de mocidade ficaram-lhe alguns filhos, um dos quais telegrafista em Manaus. E todos os anos, ela visitava esse filho distante e trazia, para o menino preso nos limites da cidadezinha obscura, as paisagens das terras que ficavam do outro lado do mar. E eu me via, nos galopes da fantasia irrefreada, cortando o mar e vendo o mundo encantado das grandes cidades.

São eles dois, senhores Acadêmicos, essas duas humildes figuras sepultadas nas covas rasas de um cemitério tranqüilo, os verdadeiros donos desta festa.

A preta velha, que, na velhice, se agasalhara numa casinha à beira do rio, ensinou-me a amar o Salgado. E se porventura houver um pouco de beleza nos meus livros, devo-o ao rio da minha infância e dos meus brinquedos.

É preciso ter nascido à margem de um dos rios nordestinos, ter mergulhado as suas águas cristalinas ou ter cortado com o braço forte e o peito erguido a sua corrente bravia, para sentir, no cansaço da maturidade a ressurreição da poesia quietamente adormecida na alma e na inteligência.

Perdoai, meus senhores, se estou revolvendo tão sentimentalmente um passado irrecuperável e intraduzível. Mas jamais pude furtar-me ao sortilégio do lençol das águas tranqüilas do meu rio manso e cordial, irmanando-se às crianças para os folguedos inocentes e ensinando-lhes, no desabrochar da juventude, os primeiros pecados da carne, tão erroneamente confundidos com a própria fonte da vida. Aquele rio que é sempre sereno e sempre manso, beirando os quintais com as carícias de um amante, mas que, quando se zanga, nada o detém na cachoeira das águas desacorrentadas, galopa na

sua onda bravia como bem o cantou o poeta que me recebe, "deitando troncos e espumas pela boca".

Desse passado, das lutas selvagens de famílias ocorridas e testemunhadas na meninice, nasceram os meus livros. Não sou romancista. Não sou um escritor. Quis apenas, num impulso irresistível, contar a história da minha terra e da minha gente.

MINHA GERAÇÃO E AS ACADEMIAS

Confesso-vos, com a lealdade caracterizadora de todos os meus gestos, que sempre temi as Academias. Não sou um misantropo, nem lamentaria, como o velho Capistrano, pertencer à sociedade humana. Mas julgo que a Academia exige do escritor compromissos especiais que eu batizaria pleonasticamente de "compromissos acadêmicos".

A minha geração, a atormentada geração que adolesceu em 1930, já não herdou a iconoclastia da escola literária de 22. Os ecos da revolução estética chegavam até nós como a última gargalhada da pantomima do circo incendiado.

Sentíamos a necessidade de uma reforma estética, a solitação para a tentativa de uma arte diferente. Mas eram anseios para construção de um modo novo e não o desejo de destruir um mundo que já se destruía por si mesmo.

O passado talvez fossem as academias, encarnação mais viva do torremarfinismo, espécie de refúgio derradeiro daqueles que teimavam em ver no artista um egresso da vida. Um homem à margem das dores e do sofrimento e cuja fronte aureolada e tocada de fogo sagrado não se baixaria à contemplação da miséria circundante.

A minha geração compreendeu, embora tardiamente, que a arte só se eterniza quando tradutora dos sentimentos que caracterizam a personalidade humana. Se o artista, na velha concepção panteística, se irmana, pela sensibilidade e pela expressão, à natureza, jamais deverá esquecer que o símbolo mais alto, mais vivo e mais real, dessa mesma natureza, será o homem que a ama e a engrandece.

Toda a arte deve vir do homem e num círculo luminoso a ele deve ser devolvida, porque a beleza só encontra ressonância na misteriosa receptividade da alma humana.

Quem examinar, mais detidamente, isentando-se de uma simpatia pré-fabricada, o movimento literário de 1922, há de concordar que ele tangeu demasiado o sopro da destruição. Era preciso destruir o mundo que o convencionalismo e a falsa concepção da arte criaram. Mas muita coisa real e viva e eterna foi incluída no simplório capítulo das manifestações.

E daí aquela ânsia de destruir a língua, não pelo prazer da destruição, mas pela necessidade da criação de um novo instrumento expressional.

A língua de um povo não é um conjunto de regras estratificadas e invioláveis. Esta definição poderia, quando muito, ser incorporada à sinonímia da gramática. A língua de um povo é dinâmica e tende a modificar-se com as conquistas desse mesmo povo.

Nunca pude excluir da arte a sua função didática. A arte não nasceu para ensinar e nem possui finalidade educativa. Mas, dentro das suas crígens específicas, ela é a única que pode contribuir para o alevantamento cultural de uma nação.

Daí porque a linguagem da arte, não admitindo divórcio com a linguagem do povo, deve constituir, pela sua estilização, um veículo para o aperfeiçoamento da comunidade social.

No caso brasileiro ela possui ainda características especiais. A nossa evolução histórica, a formação mesma da nossa sociologia, se vem processando lentamente através desses quatro séculos de descobrimento e desse século e meio de independência.

Seria falha imperdoável recuar a língua aos tempos camonianos, desprezando as ricas experiências e as contribuições das raças que hoje comungam, pela miscigenação intensiva, dos nossos mesmos ideais de nacionalidade, do mesmo desejo de crescimento e de perfeição. Mas também seria talvez um erro maior abolir todas as regras disciplinares da língua cristalizada na criação literária.

Quando já se apagavam as últimas fagulhas do incêndio

de 22, um escritor através dos seus romances veio ditar para as gerações indecisas os caminhos da literatura. Refiro-me a Graciliano Ramos. A sua linguagem não possui o bolor mo-fado dos dicionários. É plástica, é viva, é expressiva. Mas é ao mesmo tempo atual e espontânea. Dentro da sua pureza, que ressalta a legítima simplicidade, que se não pode confundir com a vulgaridade, ela marca, nitidamente, a presença de um artista. E a sua perfeição não trai a receita bilaquiana de que toda palavra cabe no verso, ou de que

*“a estrofe cristalina
Dobrada ao jeito
Do ourives saía da oficina
Sem um defeito.”*

Não se poderia, de certo, nos dias atuais, compreender esta subordinação do pensamento à palavra. Ela como instrumento de expressão constitui-se, mui inversamente, na escrava do pensamento.

O escritor honesto não se pode arrastar pela gratuidade da vocação. Como artista tem de palmilhar as íngremes la-deiras do artesanato. É no contato com a natureza e com as artes que ele pode captar o instrumento vivo da sua forma. Se a natureza com a força da sua exuberância lhe aponta o caminho da realidade, a cultura cristalizada desperta-lhe o culto pela tradição e pelas conquistas daqueles que o prece-deram na formação da inteligência. E recordo ainda uma ci-tação célebre de Graciliano, momentos antes da sua morte: “Não há talento que resista ao desconhecimento da língua”.

O FILÓLOGO E O GRAMÁTICO

Verdade que o erro, às vezes, redime e salva. Conta João Ribeiro que, nos dias áureos do parnasianismo, um charuteiro da Rua do Ouvidor, instalado nas vizinhanças da Garnier, es-tava ameaçado de falência. Mas a alma de comerciante, um

dia, despertou-lhe no estalo salvador. E ele gravou à porta do seu estabelecimento o seguinte letreiro:

“Vende-se charutos.”

Sentou-se calmamente por trás do balcão e esperou. De repente entra o primeiro freguês. Pediu uma caixa de charutos, fingiu-se despreocupado. Mas, ao sair, bateu no ombro do charuteiro:

— Olhe, há um erro na sua taboleta. A frase certa é “vendem-se charutos”.

E desmandou-se nas explicações das regras gramaticais. Já ao fim do dia, todos os literatos da Garnier haviam repetido a mesma cena. A placa continuava errada, mas o homem economicamente redimido. . .

A anedota, contada por um dos mais respeitáveis filólogos da língua portuguesa, reflete o espírito das gerações que a revolução de 22, na iconoclastia das primeiras horas, teve necessidade de derribar: os falsos profetas que acreditavam na condenação ou na remissão pela gramática. Mas caberia justamente ao pós-modernismo, nascido sob o influxo de outra concepção política e social, retomar o caminho certo da estética literária, dosando as conquistas filológicas, com as regras clássicas da sintaxe.

FAUSTO BARRETO, VOCAÇÃO DE FILÓLOGO

Não sei, senhores Acadêmicos, por que ironia do destino me reservastes, na vossa Casa, a Cadeira de Fausto Barreto. E como aconselhou Rainer Maria-Rilke, na sua *Carga ao Artista quando Jovem*, que, se um dia ele sentisse a fuga de todos os temas, então se debruçasse sobre a infância, porque dela jorram os rios mais puros e luminosos da beleza, julgo que desse meu contato, ligeiro e deficiente, com Fausto Barreto, emanaram as doces recordações da infância perdida a que não me pude furtar neste discurso. Eu pertencço à última geração que aprendeu a ler nas páginas cantantes da *Antologia Brasileira*, coletada por Fausto Barreto e Carlos de Laet. Mas a aproxi-

mação para mim, possui ainda significado especial preso por laços mais concretos à minha terra e à minha meninice.

Como toda cidade do interior, Lavras da Mangabeira, minha terra natal, vez por outra fundava um pequeno educandário. Era o colégio. E num desses estabelecimentos, dirigido pelo meu tio Luís Gonzaga Bezerra, hoje Juiz de Direito desta capital, e àquele tempo promotor sertanejo na sua e minha terra, lecionava francês o cel. Francisco Augusto Correia Lima. Filho mais novo da lendária Dona Fideralina Augusto Lima, o cel. Chico Correia, como era conhecido na intimidade, falecido há pouco com a avançada idade de 80 anos, fora, estudante de preparatórios, cursar o velho e tradicional Pedro II, do Rio de Janeiro. E orador vibrante, alma sensível, de simpatia esfusante, ele apresentava, ao folhear com os alunos as velhas páginas da *Antologia*, como legenda maior, a vaidade de proclamar:

— Eu fui aluno de Fausto Barreto. E fui examinado por Carlos de Laet.

Na rápida pesquisa que tentei para estudar a personalidade de Fausto Barreto deparei a informação sumaríssima do Barão de Studart, no seu célebre dicionário, segundo o qual ele é tido como um dos mais consideráveis gramáticos brasileiros.

Não sendo um escritor, como salientei no início desta oração, jamais pude atinar a incompatibilidade que se procura estabelecer entre o gramático e o filólogo. Mas se o último, consoante explica a própria classificação, é o investigador paciente e erudito dos fatos da língua, contrapondo-se à estratificação das regras que constituem o estudo do gramático. Fausto Barreto foi, sem dúvida alguma, o primeiro filólogo do Brasil.

Nascido na antiga vila de S. João dos Inhamuns, hoje cidade de Tauá, no dia 19 de dezembro de 1852, Fausto Barreto, após cursar o Ateneu Cearense e o Seminário de Fortaleza, mal adolecido cumpriria o destino secular do cearense, emigrando para o Rio de Janeiro.

Ali seria solicitado pelas profissões mais variadas, inclu-

sive pela política, onde chegou a governar a Província do Rio Grande do Norte, sendo depois deputado geral pelo Ceará.

Mas o traço mais nítido da sua personalidade, o pendor vocacional que o distinguiria, foi, sem dúvida alguma, a sua irresistível inclinação para o magistério. E como professor do Pedro II, após concurso memorável, é que o seu nome se gravaria nos anais da história brasileira.

Sua atividade de professor seria mesclada, como em regra acontece no Brasil, com a incursão pelo mundo do jornalismo militante. Redator da *Tribuna*, órgão liberal da capital do Império, colega de cátedra de Carlos de Laet, não receberia, no entanto, do companheiro ilustre, o amor à polêmica ou o ardor para as justas literárias ou políticas.

Era o autêntico homem de gabinete. Sua vocação, sua inclinação natural, seria a pesquisa, o mergulho profundo nas raízes dos fatos filológicos.

Aliás as suas teses, como concorrente à Cadeira de Português do Pedro II, já revelariam o arguto investigador da evolução da nossa língua: *Arcaísmos e Neologismos* (tese com que disputaria a cadeira de professor substituto de Português e Literatura do Pedro II) e *Temas e Raízes*, também como disputante da Cadeira de Português do 2º e 5º anos do mesmo Internato Imperial, volume de apenas 58 páginas, publicado em 1883. Consegui, com esforço inaudito, compulsar apenas a primeira dessas teses, tão raros são nos dias de hoje os seus exemplares. Mas da leitura ligeira, sem pausa para meditação mais acurada, pude aferir a compreensão de Fausto Barreto pelos mesmos ideais que animam hoje os estudos lingüísticos no Brasil.

O próprio tema escolhido já revela o estudioso, ávido de curiosidade em frente ao fenômeno da evolução da língua. Os arcaísmos e os neologismos representam, positivamente, os dois polos da vida das palavras.

Recordo, de memória, que Monteiro Lobato, na sua saborosa *Gramática de Dona Benta*, livro que deveria ser lido por muitos adultos dos dias correntes, imaginou um cemitério para as palavras. Era o largo mundo morto dos arcaísmos. E nesse

reino de sombra e de sono, onde os vocábulos, outrora gloriosos, dormiam o sono do esquecimento, vez que outra, repontavam os esplendores da ressurreição. É que algum dos esquecidos vinha ser buscado, pelo escritor sequioso de originalidade, para rebrilhar nas páginas dos jornais ou dos livros.

Fausto Barreto no seu estudo sobre *Arcaísmos e Neologismos* revela antes de tudo a nítida compreensão da dinamização da linguagem. Não repete os termos novos, antes os incorpora ao patrimônio lingüístico, como verdadeira conquista da evolução social e cultural do povo.

Numa terra jovem como o Brasil, servido por uma língua que ainda traz à mostra as raízes que a prendem ao latim multissecular, não se conceberia sensatamente a guerra movida contra os neologismos. Não importam os gritos dos gramáticos, porque os ecos dessa revolta impotente não chegam aos ouvidos do povo, que cria a língua e a civilização.

Fausto Barreto compreendeu o fenômeno com a antecipada visão dos predestinados. E foi por isso que no exercício da sua cátedra viu-se apontado como o precursor dos modernos estudos filológicos brasileiros.

Falecendo aos 75 anos de idade, em 2 de outubro de 1908, recebeu a consagração de todos aqueles que foram seus discípulos, porque, ressalto ainda uma vez, ele seguiu na vida a sua irresistível vocação de Professor. Ingressando na Escola Militar e, mais tarde, na Faculdade de Medicina, num desses enganos comuns de juventude, cedo abandonou ambos os cursos para dedicar-se, com a flama dos legítimos apóstolos, às lides ingratas e difíceis do magistério secundário.

Não foi Fausto Barreto, por isso mesmo, um escritor no sentido rigoroso da palavra. Não nos deixou nem versos, nem romances, nem contos, nem trabalhos mais alentados de prosa ou de poesia. Sua bibliografia, inclusive a registrada pelo Barão de Studart, resume-se nas duas teses já citadas na *Antologia* e num discurso que deveria ter pronunciado, como parainfo de uma turma de alunos da Escola Militar.

Mas a *Antologia*, por si mesma vale um capítulo de toda história literária brasileira. Sobre as suas páginas célebres se

debruçaram gerações de discípulos. E qual dos presentes, não recuaria até os idos da infância com a só citação: *Última Corrida de Touros em Salvaterra!*

Senhores Acadêmicos:

Quisestes no seio da vossa agremiação respeitável um companheiro modesto, contador de histórias. E ele não pôde fugir ao imperativo de contar-vos também a história das suas histórias.

E nesta noite, já para mim memorável, eu me revejo, menino órfão, trabalhando para o ganha-pão de cada dia e debruçado, muitas vezes até a madrugada, nas páginas encantadas do reino da ficção ou da poesia.

Se tudo tivesse sido inútil, se eu continuasse, pela vida desajudado e só, conduzindo a lembrança daqueles que me embalsamaram os sonhos de menino e que não puderam transformá-los em realidade nas esperanças da juventude, a singularidade de me igualardes a vós, na ilustre companhia, de certo, já compensara as canseiras e as decepções a que não pude fugir.

E, para minha maior alegria, para que eu remergulhasse no passado distante, e tentasse, inutilmente, nesta noite festiva, partir em busca do tempo perdido, escolheste para saudar-me o poeta da minha terra, também, como eu, preso ao mesmo chão lendário, também como eu eternamente saudoso do rio tranqüilo que beirava os quintais povoados de coqueiros e também como eu com os olhos erguidos para o mesmo céu azul, onde as pequenas estrelas, nas noites de quietude e solidão, apontam, como na tradição bíblica, o destino de todos os homens.

Senhores Acadêmicos:

Muito obrigado.